REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 365

11 DE FEVEREIRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

SUA ALTEZA O PRINCIPE RUDOLPHO D'AUSTRIA — Fallecido em 30 de janeiro de 1889

(Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha muito tempo que não havia em Lisboa uma epoca theatral como esta que estamos atravessando.

Como já outro dia notámos o publico tem concorrido este inverno excepcionalmente aos theatros, e ao mesmo tempo que nas salas de espectaculo se dá esta boa excepção para os emprezarios, d'uma grande affluencia de espectadores, lá dentro nos palcos, dá-se uma excepção muito notavel e de muito bom agouro para a litteratura portugueza, uma grande affluencia de obras originaes.

Parece que no nosso theatro se está operando um grande renascimento.

Esta epoca tivemos já no theatro do Principe Real um original em 4 actos, a *Culpa dos Paes*, do sr. Joaquim Miranda de que fallamos na nossa ultima chronica, em D. Maria está a subir á scena um drama em 4 actos original do sr. Thomaz d'Almeida *Margarida*, e ainda este anno ali se representarão a *Estatua* original do sr. Lopes de Mendonça, uma comedia em 3 actos original do sr. Eça Leal e um drama original do sr. Joaquim Miranda, *N'guvo*, na Rua dos Condes, está fazendo carreira um vaudeville original do sr. Sousa Bastos *O casamento da Nitouche*, e no Gymnasio alem d'umas comedias em 1 acto originaes do sr. Camara Manuel, do sr. Eduardo Coelho Junior, do sr. Luiz de Araujo, já se deu um original em 3 actos do sr. Acacio Antunes, está em scena um original em 3 actos do sr. Abel Acacio, e vae entrar em ensaios um original em 3 actos do sr. Moura Cabral.

Francamente este movimento theatral está muito fóra dos nossos habitos ordinarios das outras epochs, em que os theatros vivem quasi exclusivamente de traducções, e marca o começo d'uma nova era de actividade e de rejuvenescimento para a litteratura dramatica portugueza.

Felizmente o publico e a critica tem-se portado até agora muito bem para com esses originaes, não tendo as exigencias exaggeradas e a severidade cruel com que por vezes — não poucas — tem afastado do theatro os auctores portuguezes, tirando-lhes toda a vontade e todo o gosto de trabalhar.

É que naturalmente o publico e a critica á força de ver em scena em todos os nossos theatros quasi todo o reportorio francez, já se convenceu de que nem tudo o que por cá se produz é tão mau como se lhes afigurava, nem tudo o que vem lá de fóra é tão bom como elle julgava que fosse.

É profundamente injusto e mais que injusto, disparatado, querer confrontar as primeiras producções, chronologicamente fallando, dos nossos escriptores dramaticos, com as obras primas que nos vem dos auctores laureados dos theatros francezes.

E' evidente que se o publico fôr pedir ao escriptor que se estreia em Lisboa — no nosso restricto meio theatral,—o mesmo que lhe dão os dramaturgos francezes de grande nomeada, que estão no zenith da sua carreira, muitas vezes ficarão desconsolados, mas se confrontarem o merecimento das obras que os nossos auctores lhe dão—feitas sobre o joelho, porque em Lisboa ninguem vive exclusivamente de ser auctor dramatico, e a peça de maior successo aqui rende muito menos ao seu auctor de que em Paris a peça que cae redondamente—ensaiados *à la diable*, porque as condições muito restrictas do nosso meio theatral não permittem ensaiar as peças com o apuro, o vagar, o rigor com que se ensaiam em França, e nem o auctor dispõe dos meios artisticos, scenographicos, e de *mise-en-scene* de que lá dispõem, - se confrontarem essas obras com muitas das obras por onde principiaram aquelles que hoje em França são os mestres, o Sardou por exemplo, Alexandre Bisson, o auctor das *Surprezas do Divorcio*, Valabregue, o auctor do *Durand e Durand*, e os proprios Pailleron, Goudinet e Barrière, a maior parte dos originaes portuguezes não sairá muito maguada d'esse confronto.

E então se o confronto não fôr com os mestres, com os bons, com esses que estão hoje na primeira linha, se o confronto fôr com a multidão de peças que todos os annos se exhibe nos theatros de Paris, centenares das quaes nunca passam para cá dos Pyrineus, os originaes portuguezes sahirão d'elle verdadeiramente triumphantes.

Parece que o publico já comprehendeu isto, e o que é certo é que este anno tem feito geralmente um acolhimento muito festivo, muito benevolo, e o que é muito mais sensato e justo aos originaes portuguezes.

Como outro dia dissémos o drama do sr. Joaquim Miranda no Principe Real, foi recebido com ruidosos applausos: a comedia do sr. Accacio Antunes no Gymnasio teve repetidas ovações, e n'esse mesmo theatro está tendo agora um *successo* a peça do sr. Abel Accacio a *Jucunda*.

E' d'essa peça que eu tenho que fallar hoje n'esta chronica, e confesso que todas as vezes que fallo de peças originaes portuguezas o faço com muito prazer, mas ao mesmo tempo com certa repugnancia.

Ao principio isto não se percebe lá muito bem, entretanto é facil de perceber. A vida litteraria de Lisboa que obriga quem d'ella vive a tocar todos os instrumentos, a fazer peças, romances, folhetins, chronicas, criticas, contos, artigos serios e artigos de *charge*, não permitte esse exclusivismo de generos que ha lá fóra.

Em França por exemplo, quem faz peças, não faz romances, quem faz romances ou peças não faz criticas, quem faz criticas não faz nem peças nem romances.

Ha algumas excepções a esta regra bem sei: Emile Bergerat que com a mesma penna com que desanca as peças alheias escreve *Le nom*, Jules Lemaitre, que depois de ter como critico theatral feito muitos amargos de bocca aos auctores dramaticos, vae agora experimentar esses amargos, Zola que tem pago bem caro com as descomposturas que tem levado todas as suas peças, todas as descomposturas com que encheu os volumes do *Naturalisme au théatre* e de *Nos auteurs dramatiques*; mas em regra geral os auctores dramaticos não fazem criticas e os criticos não são auctores dramaticos, e isto põe-os muito á sua vontade nas apreciações, dá-lhe a mais ampla liberdade nas suas criticas, sem que a censura possa ser tomada á conta da rivalidade de official do mesmo officio, e o elogio possa ser considerado como principio d'essa operação bancaria, d'essa premutação de moeda, que se chama em litteratura *elogio mutuo*.

Entretanto como entre nós não ha essa diversão de genero e de funcções litterarias, não ha remedio senão ir com os nossos usos e aguentar as suspeições que por ventura essa accumulação de funcções nos possa trazer.

E como na minha qualidade de chronista do OCCIDENTE não posso deixar de fallar das peças originaes que se dão nos nossos theatros, e que constituem acontecimentos litterarios na nossa terra, sob pretexto de que tambem metto fouce n'essa ceara, e como tambem não heide deixar de fazer peças pela rasão de ter que fallar de peças alheias, venço a tal repugnancia a que me referi e vou emittir a minha opinião franca e sincera a respeito da comedia do sr. Abel Accacio, e com muito prazer porque n'essa peça ha rasgos de verdadeiro talento, que denunciam no novo dramaturgo um audacioso e um forte.

E o talento que ha n'essa peça é tanto e tão poderoso que fez um verdadeiro milagre—obrigar o publico a applaudir uma peça de que não gosta, a victoriar uma peça que tinha restricta obrigação de cahir redondamente na primeira noite.

A *Jucunda* é uma peça estranha porque ao lado de coisas excellentes tem coisas detestaveis, e tão depressa é magnifica como tão depressa não presta para nada.

E' uma comedia audaciosa, mas a sua audacia não está ao serviço de cousa nenhuma, é uma audacia perfeitamente inutil, audacia pela audacia, nada mais. A audacia na *Jucunda* não está na these que a peça apresenta, nem no assumpto que trata, nem nos caracteres que desenha, — está simplesmente no atrevimento com que o auctor atira ao publico com uns ditos crus, brutaes ou sujos.

E dizemos que essas audacias são perfeitamente inuteis, porque todas ellas pódem ser tiradas da peça sem lhe fazerem a mais ligeira falta, o que prova á evidencia que para nada lhes servem, senão para a tornar perigosa.

O sr. Abel Accacio quiz isso mesmo: quiz ter a sensação forte do perigo. Repugnou-lhe o ter uma estreia mansa, entrar no theatro com uma pecinha inoffensiva que fosse ouvida com uns sorrisos entremeados de bocejos, que ao cahir do panno lhe valesse do publico umas palmasinhas animadoras e da critica a opinião, que a peça era uma estreia auspiciosa, e escreveu a *Jocunda* a correr para o beneficio de Beatriz, e não tendo nenhum thema audacioso a tratar, nem tempo para procural-o, arranjou um personagem exquisito para vestir á beneficiada, um personagem que sahisse das linhas vulgares, do meio commum, uma mulher excentrica como a *Estrangeira* de Dumas, ou a *Esphynge* de Feuillet, uma impudica virginal, como a *Courtisane Vierge* de Amedée de Cesena! e como isso ainda lhe parecesse pouco perigoso, comprazeu-se em arranjar perigos, em invental-os nos dialogos, nos ditos, para que a sua peça fosse deveras perigosa, como um sujeito que morrendo por aventuras e morando n'um burguez quarto andar da rua dos Fanqueiros, em vez de entrar pacatamente em casa, subindo a sua bem segura escada, trepasse pelas janellas por meio d'uma gymnastica difficil, arriscando-se a todo o momento a vir fazer-se n'um molho cá em baixo, nos lagedos do passeio, sómente com o fim de experimentar commoções fortes.

E se foi esse o seu fim conseguiu-o: teve essas commoções e ainda mais a commoção alegre e victoriosa de chegar são e salvo ao 4.º andar. Sahiu-se bem da aventura, e ella mostrou-lhe que elle tinha bons musculos, bom pulso, que tinha destresa e habilidade sufficientes para tentar o perigo e que póde tental-o a sério em emprezas mais proveitosas.

Porque para nós a *Jucunda* não foi uma estreia dramatica, foi um ensaio de forças: não é bem uma peça, é uma cabeça de turco. Abel Accacio quiz experimentar o seu pulso e ao mesmo tempo tomar o pulso ao publico: agora é que elle vae principiar a fazer peças a valer. Já conhece as suas forças e já sabe as forças do publico e com este duplo conhecimento vae então trabalhar á vontade, largamente em peças cuidadosamente pensadas e meditadas em que o arrojo da phrase seja acompanhado do arrojo da concepção, em que a audacia não esteja só nos ditos dos personagens, esteja tambem na idéa da peça.

Entre os defeitos apontados na *Jucunda* pela critica, avulta o da falta de verdade, de verosimilhança, de realidade no personagem da protogonista.

Para mim esse defeito não é o principal da Jucunda: que ella fosse uma creação de fantasia em vez de ser um retrato tirado do natural pouco me importava, tanto mais que o mundo é tão grande, e tão diversos e tão oppostos, e ás vezes litterariamente tão verosimis, os milhões de caracteres que o povoam, que não dou a ninguém o direito de me dizer que não ha nenhuma mulher ou nenhum homem, como o homem e a mulher que tal ou tal auctor desenhou, simplesmente pela razão imbecil de nas cem ou duzentas ou mil pessoas que o critico conhece não haver nenhuma assim.

O que me importa e o que eu censuro na *Jucunda* é a falta de logica n'aquelle caracter de mulher.

Eu deixo ao auctor ampla liberdade de me apresentar o personagem que quizer, ou vá copial-o á sociedade, ou arrançal o á sua phantasia, mas o que quero, o que tenho o direito de exigir é que esse personagem seja logico dentro da sua orbita, phantastico ou real seja coherente dentro da sua physiologia.

E a Jucunda é perfeitamente incoherente, incoherente em tudo.

Por exemplo zomba muito da rhetorica de toda a gente, e quando está a sós com o homem que ama, quando n'um transporte de paixão lhe declara o seu amor, lhe põe a nu a sua alma, como tantas vezes já deante d'elle pozera a nu o seu corpo, a Jucunda embrulha essa declaração em imagens e em tropos, polverilha-a d'um estylo pomposo e arrebicado como Gabriel Claudio descreve no *Diario Illustrado* aos seus leitores o desempenho das operas do theatro de S. Carlos.

E este defeito de abundancia d'estylo palavroso não é só o defeito da Jucunda, é o defeito de todos os personagens da peça que fallam todos indistinctamente uma linguagem que não podia ser nunca a d'elles e que alem d'isso ainda tem a aggravar-lhe o defeito, o vir d'envolta com umas phrases triviaes e chôchas que tornam perfeitamente incoherente toda essa linguagem e todas essas figuras.

O primeiro acto da peça foi o que nos agradou mais: é o mais bem feito theatralmente e termina por um verdadeiro achado — o apparecimento da Jucunda já despida para vir *poser*.

No 2.º acto ha uma scena deliciosa, feita com muito talento, conduzida com muita habilidade, uma scena em que Alexandre Dumas ou Emilio Augier poriam a sua assignatura, a scena entre Jucunda e Fabricio: essa scena é uma verdadeira obra prima; é representada magistralmente por Soller e Beatriz e tem sempre uma roda de palmas.

O final d'esse acto é d'effeito theatral, mas é velhissimo, d'um convencionalismo antigo que de ha muito foi banido do theatro e que destoa completamente do tom moderno em que a peça é levada até ali.

N'esse acto ha uma phrase que nós achamos magnifica de verdade, e que a actriz Barbara diz deliciosamente, aquelle *Que diabo tiveram vocês*,

muito familiar, muito verdadeiro que a irmã de Fabricio lhe diz depois d'uma scena violenta entre elle e um seu amigo.

O terceiro acto foi o que nos agradou menos: a peça chega ao seu fim e para dar-lhe um desenlace satisfatorio o autor teve que se submetter a todas as convenções mais banaes do theatro, e de sujeitar todos os seus personagens ás transigencias mais incoherentes.

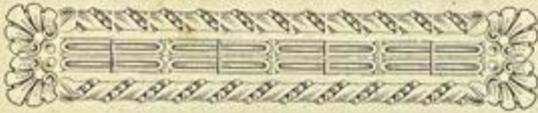
Não regateamos elogios ao talento que ha na *Jucunda*, nem estivemos a disfarçar as censuras sob benevolencias amigas. Abel Accacio póde bem com todas essas censuras, é um talento poderoso e audaz.

E como já dissemos a pujança d'esse talento, o seu forte prestigio mostrou-se brilhantemente na *Jucunda*, fazendo triumphar a peça apesar de todos os seus defeitos.

O publico sente bem todos esses defeitos, mas não póde deixar de a applaudir: a peça ás vezes irrita-o, mas interessa-o, prende-o; não gosta d'ella porem ella impõe-se-lhe, não sabe dizer porque, mas sente-o; e impõe-se-lhe porque ha n'ella talento e audacia, duas cousas que quando se juntam triumpham sempre.

E Abel Accacio deve estar contentissimo, porque conseguiu o que a sua peça queria — ser discutida, e nem a todos os trabalhos litterarios é dada essa honra.

O desempenho da *Jucunda* é magnifico. Os actores do Gymnasio houveram-se com um talento e uma correcção notaveis na interpretação da peça, tendo o primeiro logar no desempenho Soller, que é magistral, e Beatriz excellente, Marcellino, Jesuina, Barbara e Eloy.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

SUA ALTEZA O PRINCIPE RUDOLPHO D'AUSTRIA

O desditoso principe Rudolpho, cuja morte acaba de enluctar a muito antiga e nobilissima casa d'Austria, e outras familias reinantes, era filho unico do imperador Francisco José e da imperatriz Isabel (Amalia Eugenia), da Baviera, e nascera em Luxemburg, a 21 d'agosto de 1858. Na ordem do exercito, n.º 26, publicada no dia immediato ao do nascimento do principe, o imperador noticiava esse fausto successo ao exercito, dizendo que elle lhe pertencia «desde a sua entrada n'este mundo» e na mesma occasião deu-lhe o regimento de infanteria, n.º 19, que teria d'ali por diante a denominação de «Regimento do Principe Imperial.»

Foi confiada ao Feldmarechal Latour deThannburg a educação do principe Rudolpho, o qual, tendo sido declarado maior em 24 de junho de 1877, entrou aos 23 de julho de 1878 em serviço activo no exercito, no regimento de infanteria n.º 36.

Nomeado em setembro de 1880 major general e ao mesmo tempo contra-almirante, o herdeiro da corôa tomou posse em 6 d'abril de 1881 do commando de brigada n.º 18 de infanteria em Praga, e tendo sido promovido em 1883 a Feldmarechal e simultaneamente a vice-almirante, foi-lhe dado o commando da divisão XXV de infanteria em Vienna. Por decreto de 18 de março do anno passado, o imperador, seu augusto pae, nomeou-o general inspector de infanteria para dar a esta «arma principal do exercito uma demonstração de especial sollicitude.»

Muito dado ao estudo das sciencias naturaes, o principe Rudolpho esteve durante annos em directas relações scientificas com o celebre naturalista Brehm e com outros sabios e eminentes da sua patria. As duas obras intituladas *Quinze dias no Danubio* e *Uma viagem ao Oriente* foram resultado d'esses estudos, e de longas viagens e digressões. E uma obra monumental sobre a monarchia austro-hungara deve a sua existencia á exclusiva iniciativa do principe e á sua efficacia e persistente collaboração.

O elevado merecimento, de que apresentam bem claro testemunho essas honrosas lides, deu-lhe ingresso na Academia de Sciencias de S. Petersburgo e na de Lisboa. Tinha tambem o titulo de doutor na faculdade de philosophia da Universidade de Vienna e de Cracovia.

O principe Rudolpho Francisco Carlos José, casou em 10 de maio de 1881 com a archiduqueza Estephania Clotilde Luiza Herminia Maria Carlota, duqueza de Saxe Coburgo Gotha, e que nasceu em 21 de maio de 1864, filha de Leopoldo II rei da Belgica e da rainha Maria Henriqueta, archiduqueza d'Austria.

D'este casamento ha uma filha; a archiduqueza Isabel Maria Henriqueta Estephania Gizella, que nasceu a 2 de setembro de 1883.

O principe Rudolpho era o herdeiro do throno da Austria e principe real da Hungria e da Bohemia.

Apesar do principe deixar uma filha não é ella, segundo a lei do imperio, a herdeira do throno, mas o archiduque Carlos Luiz, irmão do imperador Francisco José, e que é casado em terceiras nupcias com a princeza D. Maria Thereza, 3.ª filha de D. Miguel de Bragança.

Alguns telegrammas de Vienna tem annunciado que o archiduque Carlos Luiz abdica dos seus direitos em seu filho, estas noticias, porém precisam confirmação official.

A morte do infeliz principe, que tem produzido o mais profundo sentimento em todas as côrtes da Europa, acha-se ainda envolvida em certo mysterio com respeito á sua verdadeira causa, entretanto é fóra de duvida que essa morte foi violenta, em resultado de um tiro de rewolver que lhe atravessou o craneo, tiro que parece ter sido disparado pela propria victima.

De todas as versões que correm sobre os motivos que levaram o principe Rudolpho a este desesperado desfeicho, a que tem mais visos de verdade é a dos seus amores com a baroneza Vercsera uma jovem morena e formosa que de ha muito captivara o coração do principe.

Estes amores, é claro, que não eram bem vistos na corte e muito menos pelo imperador Francisco José, que por mais de uma vez censurou seu filho intimando-o ultimamente a que abandonasse por completo aquelles amores illicitos, afim de evitar um escandalo eminente,o do divorcio.

Parece que a attitude energica do imperador influiu de tal modo em seu filho, que o levou a tomar uma resolução final, acabar com a vida, visto que não podia acabar com os amores com a baroneza Vercsera por quem sentia a mais louca paixão.

Foi assim que, na manhã do dia 30 de janeiro appareceu morto no seu quarto, no castello de Meyringen, proximo de Vienna, o principe Rudolpho, com o craneo atravessado por uma bala de rewolver, conforme dissemos.

A baroneza de Vercsera tambem se suicidou, não se sabe bem ainda se por meio de veneno, ou por um tiro tambem de rewolver.

Um drama de amor com um realismo cruel, que sacrificou duas victimas no altar do dever, imposição tyranna que não respeita os impulsos do coração, e que tanto mais se impõem quantos mais fóros de nobreza tem a honrar a victima que tenta despresal-o.

HOSPICIO DA PRINCESA D. MARIA AMELIA, NA ILHA DA MADEIRA

Data de 1863 a fundação do hospicio da princeza D. Maria Amelia, na ilha da Madeira.

Foi mandado construir por uma mãe afflicta, a imperatriz D. Amelia, viuva de D. Pedro IV depois de ter perdido a unica filha que tinha, devorada por uma tysica, para curar a qual foram inuteis todos os esforços da medicina.

O ultimo recurso de que lançou mão foi o mandar para a ilha da Madeira a joven enferma, a vêr se na benignidade d'aquelle clima temperado encontraria remedio ao seu mal.

Tudo, porem, foi inutil, e a filha de D. Pedro IV ali morreu, sendo o seu corpo transportado depois para Lisboa, para o jazigo real de S. Vicente de Fóra.

A imperatriz, porem, quiz deixar este triste acontecimento memorado na ilha da Madeira, por meio de um monumento de caridade, que recordasse no futuro o nome de sua desditosa filha, e para esse fim mandou construir no Funchal um hospicio para o tratamento dos tysicos que ali fossem procurar alivio ao seu soffrer.

É esse edificio que a nossa gravura representa, situado d'entro de um formoso parque, onde os doentes podem dar os seus passeios hygienicos.

Está perfeitamente organisado e muitos doentes se tem aproveitado d'este beneficio, alguns porventura, com muito melhores resultados do que teve a malograda princeza, á memoria da qual o hospicio foi instituido.

A EXPOSIÇÃO DE VINHOS PORTUGUEZES EM BERLIM

O grande sallão, onde foi collocada a exposição dos vinhos portuguezes em Berlim, é no conhecido *Waaren Börse*, palacio particularmente destinado a exposições.

E' um vasto edificio cujo accesso se faculta por duas largas e espaçosas escadas. Foi n'este palacio que a respectiva commissão installou os vinhos de Portugal, em barris e garrafas, formando pilhas e pyramides do modo mais elegante e do mais artistico effeito.

As gallerias em volta do sallão, formam uma cinta cortada a espaços por grossas columnas de magestosa apparencia.

Em baixo, sobre o pavimento de *parquet*, proximo da entrada está uma torre acastellada envolvida em era; junto elevam-se formosos fetos da flora portugueza.

Em frente da entrada ao fundo do sallão fica um engraçado *cabaret*, onde é a prova dos vinhos, servidos por duas sympathicas berlinenses.

Dos balcões da galleria pendem custosas tapeçarias; e, em todo o recinto, exornando as pyramides de garrafas e pilhas de anchoretas, não havia, arbusto ou planta, que por uma delicada attenção dos nossos amigos allemães não pertencesse á flora luzitana.

Emfim, quanto á magnificencia da exposição, mais e melhor do que nós o poderiamos fazer, o demonstra a gravura que hoje o Occidente reproduz.

A nossa gravura foi tirada de uma photographia, expressamente enviada de Berlim para o Occidente, fineza esta que devemos ao nosso dedicado amigo, sr. Carlos Campos, já bastante conhecido, no nosso meio, como um infatigavel trabalhador em prol das cousas nacionaes. E dizemos assim, porque não conhecemos outro modo de sustentar a dignidade patria, senão sacrificando certas commodidades de nação, e, pugnando pelo seu renome, trabalhar com manifesto desinteresse.

Estas justas palavras que o nome de Carlos Campos nos despertou, trazem-nos á memoria o nome de outro benemerito que notavelmente honrou a nação portugueza na capital da Allemanha; referimo-nos ao sr. Gerardo Pery, official superior do exercito que por mais de uma vez tem, em paizes estrangeiros, enaltecido a familia nacional apresentando trabalhos que, se muito elevam o sr. Pery no conceito publico, não honram menos a sciencia de Portugal.

A imprensa do nosso paiz pouco se tem referido a esta exposição de vinhos; não revella esta attitude, felizmente, como facilmente o demonstraremos, que essa ideia patriotica não tivesse um exito brilhante, nem que nos seus resultados seja de utilidade incontestavelmente pratica.

Agora que já prestámos justiça aos verdadeiros trabalhadores que tanto mereceram o nosso applauso vejamos o que resultou de tão importante passo para o desenvolvimento d'aquelle nosso ramo de commercio, na Europa central, como foi o trabalho da commissão central da exposição de vinhos portuguezes em Berlim.

São importantissimos os pedidos de remessas de vinhos para o imperio allemão e podemos contar com o fornecimento do mesmo producto agricola na esquadra prussiana, e em uma publicação estrangeira encontramos a lista dos premios conferidos aos expositores que concorreram ao certamen de Berlim.

Alem dos viticultores e vinicultores, expositores de vinhos, foram tambem premiadas publicações agricolas, e outras officiaes. O *premio de honra* foi dado pelo povo allemão, por isso que se constituio de donativos de sociedades, de homens de sciencias, de officiaes do exercito e de commerciantes.

A commissão dispunha, afóra o premio de honra, de tres classes: 1.º premio, medalha de prata com diploma; 2.º, medalha de bronze com diploma; 3.º, medalha de bronze com menção honrosa.

(Continúa) *M. B.*

ROMÃO DE JESUS MARIA

Quando á metropole chegam as noticias d'algum morticinio nas nossas colonias, a opinião publica ergue-se irada, cheia d'impetos patrioticos e pede o castigo dos rebeldes indigenas. Esses impetos, essas iras, duram o tempo das rosas de Malherbe e o esquecimento substitue rapidamente os primeiros movimentos de justa vingança. Os governos é que não teem esquecido essas offensas e empregando os meios de que podem dis-

por, mandam para as colonias navios, officiaes e marinheiros.

Quando os conflictos se dão no litoral, pode ainda Portugal recorrer á sua heroica e legendaria marinha, que briosamente tem sustentado as suas gloriosas tradições; mas quando as revoltas se dão no interior, em pontos onde não podem chegar os projecteis das peças dos nossos navios, tem o governo apellado para os agricultores que bastantes e valiosos serviços tem prestado ao paiz com o auxilio da sua gente.

Estes factos notabilissimos têm passado quasi desapercebidos na mãe-patria, e o echo d'esses feitos mal consegue chegar aos ouvidos dos ministros. Quem se recorda em Lisboa, dos importantes serviços que prestaram á provincia de Moçambique os benemeritos João Bonifacio da Silva, Victorino Romão José da Silva, João de Jesus Maria e outros? Ninguem, a não ser um ou outro individuo que habitou aquella provincia, e que conserva ainda viva a recordação dos feitos distinctos praticados pelo conquistador d'Angoche e seu irmão.

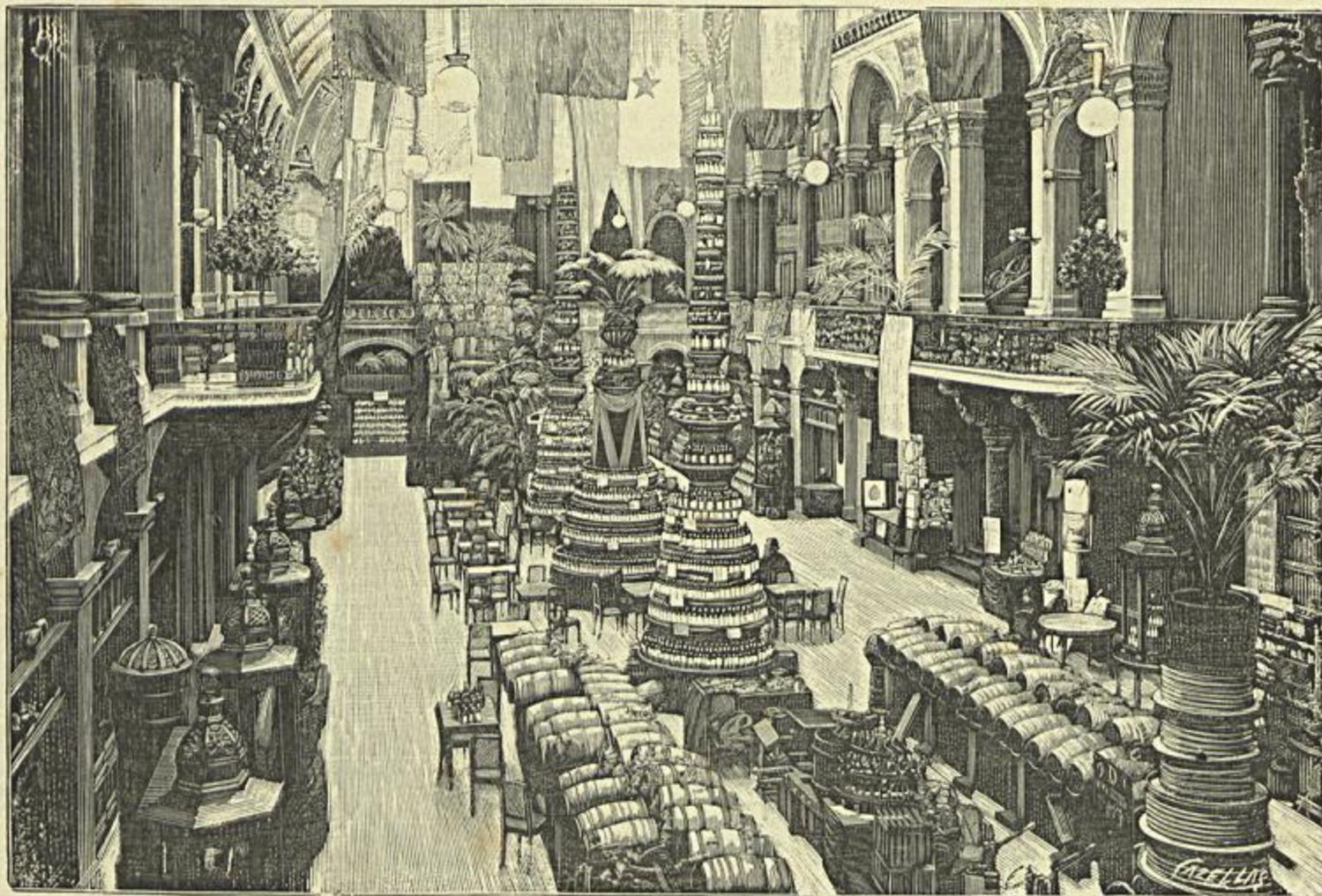
Em 1853 na primeira guerra contra Nhaude que estava em Massangano, vêmos João de Jesus Maria offerecer-se com a sua gente para bater o rebelde. As nossas forças sendo atraiçoadas retiraram. Em 1854 offereceu-se novamente João de Jesus Maria ao governador Alpoim, para com 600 cipaes armados á sua custa, bater o rebelde de Massangano e pacificar a Zambezia que desde 1852 estava em guerra. Atraiçoada ainda esta expedição pelo major Tito Sicard, pediram os agricultores João de Jesus Maria, João Bonifacio e Victorino Romão, licença para retirarem e voltaram para Quelimane, sem obterem recompensa alguma dos serviços prestados.

Em setembro de 1868 regressando do sertão do Zumbo depois da morte do governador de Tete, Gouveia, e da derrota da 2.ª expedição do tenente coronel Portugal. foi convidado a guarnecer a villa de Tete com a sua gente, mais de 500 homens armados, até chegarem soccorros de Quelimane. As despezas feitas com a manutenção d'aquella gente importaram em dois contos de réis que nunca lhe foram pagos.

lhão expedicionario da India; a requisição do governador Barahona, forneceu 100 cipaes para acompanhar o batalhão até ao Guengue, réis 1:600$000 em fazendas e 1:150$000 réis em dinheiro.

Para pacificar a Zambezia em 1875, governando Moçambique, Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, e Tete, Barahona e Costa, forneceu 4:000$000 réis em dinheiro e 21:000$000 em fazendas.

Em 1878 por ordem do governador geral, sr. Francisco Maria da Cunha foi convidado para ir á Macanga alliciar 400 cipaes para suffocar a revolta da baixa Zambezia, conhecida por *Mucuta*, gastando com esta força 2:000$000 réis em armamentos e munições de guerra. Em 1884 sendo governador geral, Agostinho Coelho, arranjou 400 cipaes para guarnecer a fronteira do praso Marral, não pedindo remuneração alguma por este serviço. Quando terminou esta guerra receberam 4:000$000 réis os capitães-móres Manoel Antonio de Souza e Anselmo Ferrão; Romão de Jesus

EXPOSIÇÃO DE VINHOS PORTUGUEZES EM BERLIM

ASPECTO DA SALA DO WAAREN BÖRSE, 1.ª VISTA

(Segundo photographia de Paul Lesse)

* * *

Romão de Jesus Maria pertence a uma familia de benemeritos a quem Portugal, e especialmente Moçambique muito devem. Recebendo de seu pae João de Jesus Maria as lições de honestidade e bravura que eram o seu mais glorioso titulo, Romão de Jesus tem conquistado pela honradez e integridade do seu caracter, pelos extraordinarios dotes do seu coração, e pela dedicação com que tem servido o seu paiz, as sympathias dos seus concidadãos. Filho de Quelimane, africano de nascença, tem a suprema consolação de ser estimado por todos que o conhecem e apreciam as suas virtudes.

Para se ennumerar os serviços prestados á provincia de Moçambique por este cavalheiro, seria mister dispôr de muito espaço, que O Occidente não póde dispensar, nem teriam cabida n'uma publicação d'esta ordem, mas vamos ligeira e rapidamente mostrar alguns d'esses serviços e declarar como elles foram recompensados.

Em 1869 foram fornecidos por João de Jesus Maria e Romão de Jesus á expedição commandada por Tavares d'Almeida as embarcações que possuiam para transporte de tropas e mantimentos; muitas d'essas embarcações perderam-se e os offerentes nenhuma indemnisação obtiveram por aquelles prejuizos. Mais tarde, sendo ainda governador geral de Moçambique, José Rodrigues Coelho do Amaral, e precisando esta auctoridade de dinheiro para fazer marchar o batalhão expedicionario, offereceu Romão de Jesus 4:000$000 réis e tudo o mais que fosse preciso para a viagem de Quelimane a Tete por terra. Em 1872 chegando a Tete na occasião em que o Bonga assaltava os prasos da corôa, foi convidado para guarnecer com gente sua o Revugo e Chingosa, pontos principaes por onde passavam os comboios de mercadorias de particulares e do governo vindos para Tete de Quelimane e Sena. Teve de municiar e sustentar de 1872 a 1874, 200 cipaes, que alem de guarnecerem estes pontos tiveram que escoltar muitos comboios.

Em fins de março de 1875 revoltou-se o bata-

nenhuma recompensa recebeu dos seus serviços!!!

Ao terminarmos este ligeiro e resumido relatorio dos serviços prestados por tão benemerito cidadão, devemos declarar, que talvez no momento em que estamos dando noticia dos seus feitos elle esteja em eminente risco de vida, ou já morto. A uma expedição altamente patriotica, iniciada pelo sr. conselheiro Henrique de Macedo e confiada á direcção do capitão-tenente da armada Antonio Maria Cardoso, se juntou novamente Romão de Jesus com gente sua. Abandonando os importantes negocios da sua casa, lá foi mais uma vez Romão de Jesus, mostrar quanto vale e quanto pode fazer.

Acostumado a não receber recompensas dos seus serviços, sirva-lhe de lenitivo ao despreso a que foi votado, a homenagem que hoje lhe presta O Occidente e a certeza de que a posteridade fará justiça ao seu honrado nome.

Lisboa, Janeiro de 1888.

A. A. F.

O ACTOR

PINTO DE CAMPOS

FALLECIDO EM 18 DE JANEIRO DE 1889

Foi no theatro de S. Carlos n'um dos intervallos da *Lakmé* que eu recebi de chofre a tristissima noticia da morte perfeitamente inesperada de Pinto de Campos.

Quem me deu essa má noticia foi o João Rosa.

— Então o que me dizes ao pobre Pinto de Campos! perguntou-me elle.

— Ao Pinto de Campos? Porque? o que lhe aconteceu?

— Não sabes? Morreu hontem á noite.

— Morreu?

— Sim!

— De que?

— De repente. Quando antes de se deitar ia a tomar chá, sentiu-se incommodado, o filho correu a chamar soccorro, mas quando voltou era tudo inutil. Pinto de Campos estava morto.

Fiquei tristemente surprehendido com esta noticia, e mais do que isso, profundamente contristado porque era amigo sincero de Pinto de Campos e tinha tanta sympathia pelo seu bello e serio caracter, quanta estima pelo seu bello e serio talento.

Quando Pinto de Campos esteve no Gymnasio — já lá vão treze para quatorze annos — dei-me muito com elle, agora poucas vezes nos avistávamos, mas n'essas poucas vezes desforravamo-n'os das ausencias, conversando largamente

O assumpto d'essas conversações era sempre incontestavelmente o theatro, e a ultima d'essas conversas, foi no fim de maio passado, uma noite na Avenida.

Depois estive muito tempo sem o vêr.

Quando ha semanas, por uma noite bem tempestuosa até por signal, se inaugurou no theatro de D. Maria o busto de Emilia das Neves, eu apesar de bem incommodado n'esse dia, não quiz deixar de ir associar-me a essa ultima homenagem prestada á grande actriz, e fui ao theatro de D. Maria.

No palco, o primeiro actor que estava do lado esquerdo, na occasião da coroação do busto de Emilia das Neves era o Pinto de Campos.

Estava muito triste, muito acabrunhado, visivelmente impressionado pela recordação saudosa da sua gloriosa collega, d'aquella com quem tantas vezes trabalhara.

A tristeza que se lia no rosto de Pinto de Campos era tão grande que impressionou o publico.

Depois nunca mais tornei a ver Pinto de Campos, e mal sabia eu que essa vez seria a ultima que o via.

*
* *

Pedro Pinto de Campos tinha pouco mais de 56 annos e portanto já se vê que não foi a velhice que o matou.

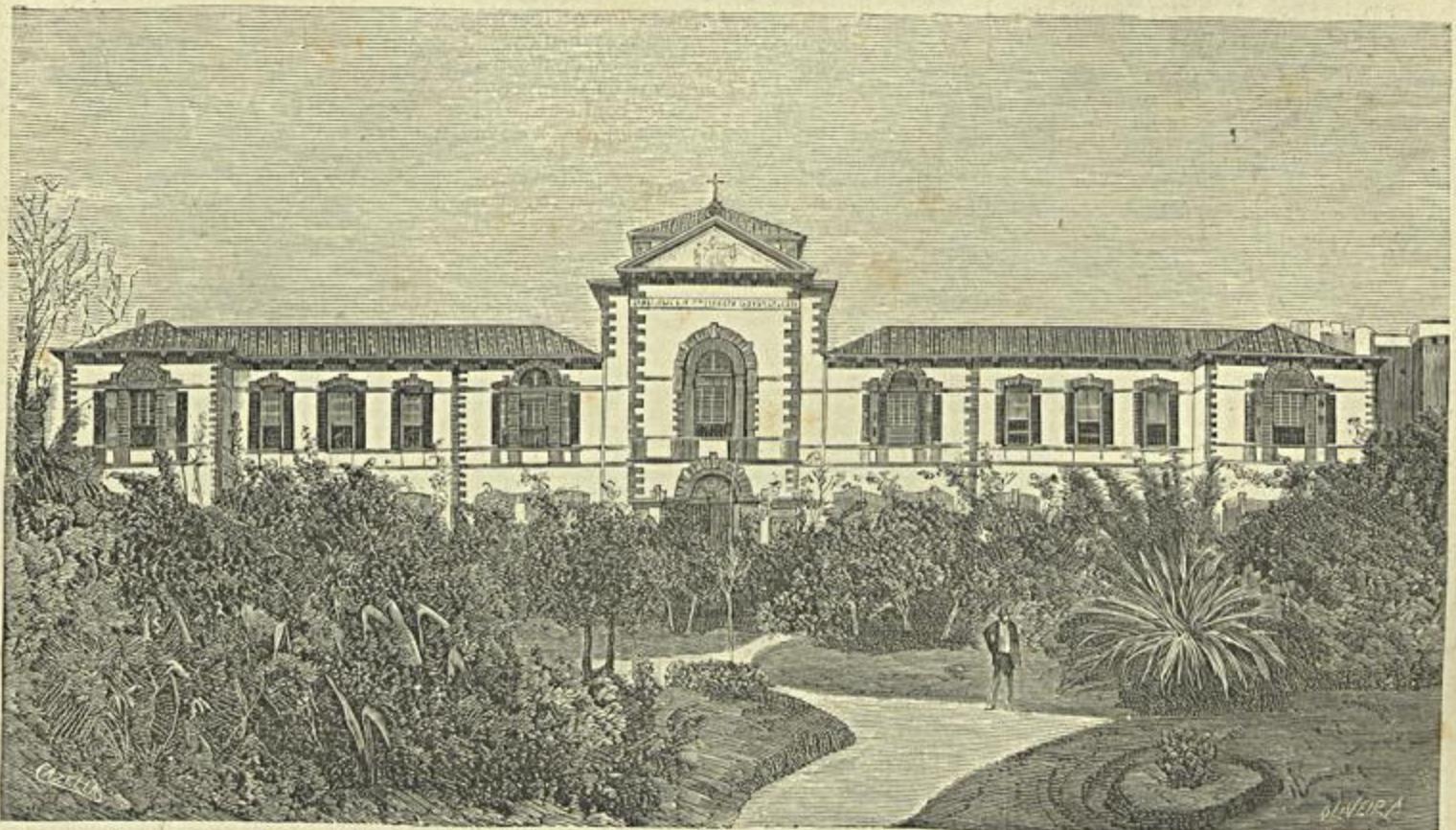
Nasceu em 21 de dezembro de 1833, um anno tão celebre na nossa historia politica e foi precisamente da epoca em que nasceu que lhe veio o seu nome de baptismo — Pedro.

Seu pae era um partidario acerrimo do imperador, expôz por D. Pedro IV, muitas vezes a vida e nas luctas da liberdade perdeu todos os seus haveres.

Doente e pobre o pae de Pinto de Campos, terminadas essas luctas teve que ir buscar nos honorarios modestos d'um obscuro emprego na ilha da Madeira, o seu pão de cada dia.

Quando voltou ao continente vinha além de doente, velho e pouco tempo depois de cá chegar, partiu para a longa viagem d'onde jamais se volta.

ROMÃO DE JESUS MARIA

(Segundo uma photographia de Fillon)

HOSPICIO DA PRINCEZA D. MARIA AMELIA, NO FUNCHAL

(Segundo uma photographia)

Pinto de Campos tinha apenas 12 annos quando seu pae morreu, e um seu tio, para lhe dar um rumo, metteu-o, como marçano na sua loja de mercador, na rua Augusta.

Passado o luto de seu pae o pequeno Pinto de Campos foi n'um dia de festa com um primo seu ao velho theatro do Salitre.

Era a primeira vez que entrava n'um theatro e ficou deslumbrado.

As peças que se representavam eram as *Ruinas de Babylonia* e o *Homem enfastiado*.

Pinto de Campos recebeu tão funda impressão do que ali viu, que nos dias seguintes, na loja, apenas se apanhava sosinho, mettia-se nos cantos a declamar phrases que lhe tinham ficado no ouvido.

O seu primo era um curioso dramatico distincto, fazia papeis comicos em theatros particulares com grande successo, conhecia varios actores, e Pinto de Campos começou a ter por elle uma grande admiração, um bocadinho de inveja e a procurar com predilecção especial a sua companhia e a sua conversa.

D'ahi a tempos com a mania do theatro sempre a parafusar-lhe na cabeça, Pinto de Campos teve a indizivel alegria de ser convidado para entrar n'uma recita particular n'um 5.º andar da rua dos Algibebes.

Não lhe era muito facil acceitar o convite, porque estava sempre preso na loja, mas apesar d'isso acceitou.

Não foi a nenhum ensaio, mas estudou muito bem o seu papel e na noite da recita pediu um vestido emprestado a sua mãe — porque o papel que lhe fôra distribuido era um papel de mulher — e apresentou-se a representar.

A peça extrahida d'um romance, intitulava-se *Maria ou o Amor e Dever*, e foi n'esse papel de mulher, que Pinto de Campos, o illustre actor que o theatro portuguez hoje chora, fez o seu *debute* na arte, n'um quinto andar da rua dos Algibebes.

* * *

Iniciado assim no theatro que tanto o attrahia, Pinto de Campos continuou por esse caminho com toda a persistencia tenaz das grandes vocações e apesar de todas as rabecadas de seu tio que andava sempre a dizer muito aborrecido com elle: «O demonio do rapaz anda sempre com a cabeça cheia de theatros!»

O mau humor do tio, e uma questão com um companheiro da loja obrigaram-n'o a abandonar o seu logar.

Foi para Villa Franca passar uns tempos em casa d'um primo, que depois lhe arranjou um logar de caixeiro em casa do Raynaud, alfayate, em Lisboa.

Mais livre então Pinto de Campos começou a frequentar amiudadamente os theatros, a dar-se com alguns actores, principalmente com o Rosa pae que era o seu actor predilecto, aquelle que mais funda impressão lhe produzia.

Entrou para socio da sociedade de curiosos do theatro da Graça e ali fez o seu primeiro debute a valer, representando o papel de Simão Affonso no drama de Mendes Leal, *Os dois renegados*.

Muito intelligente, tendo já certa illustração adquirida á custa de muito boa vontade e de muito trabalho, Pinto de Campos começou tambem a metter-se em litteratura, a rabiscar alguns versos que publicou no *Jardim Litterario* e chegou a fazer um drama original em 5 actos intitulado *Julia* e que nunca se representou.

Como isso não lhe desse vintem e Pinto de Campos precisasse ganhar a vida metteu-se a typographo, fazendo a sua aprendizagem na officina do sr. Borges, na rua da Condessa.

Fez-se depressa um bom official e seguiu por ahi certo tempo a sua vida.

Pelas festas ia sempre a Benavente, onde tinha familia e onde havia touradas.

Pinto de Campos gostava muito d'esse divertimento, metteu-se tambem a toureiro, tomou parte em algumas corridas, estudou a serio a arte tauromachica, começou a escrever sobre essa arte e chegou a ser uma auctoridade no assumpto, auctoridade muito respeitada pelos entendidos.

* * *

Em 1854 houve em Lisboa uma grande crise para os typographos. O trabalho faltava e Pinto de Campos vendo-se sem recursos pensou em ir buscar o pão quotidiano ao theatro.

Procurou escriptura em D. Maria, não a poude conseguir; foi depois á rua dos Condes e com muitos empenhos conseguiu debutar.

Foi na noite de 6 de março de 1855, esse debute, no beneficio da actriz Luiza Fialho, então no galarim, n'uma comedia em 3 actos — *A ramalheteira*.

N'essa peça Pinto de Campos representou ao lado dos actores Pires, Marcolino, Rollão, Faria, Anna Cardoso, Maria do Ceu e Fialho e agradou ao publico em geral, e em particular ao actor José Carlos dos Santos, que então estava fóra do theatro e era revisor d'um jornal politico onde noticiou a estreia de Pinto de Campos, com lisongeiras palavras.

Pinto de Campos conseguiu debutar mas não arranjou escriptura: essa só a alcançou no mesmo theatro, no anno seguinte; escriptura de 7$200 réis mensaes — que no fim do 1.º mez lhe foi elevada logo a 9$600 réis — e um beneficio.

N'esse anno Pinto de Campos fez tambem a sua estreia como auctor dramatico, escrevendo em collaboração com Alcantara Chaves, uma comedia *Martyrios e rosas* que agradou muito, e que fez larga carreira em theatros particulares.

* * *

Em 1858 uma doença grave obrigou-o a deixar o theatro e a ir para Villa Franca restabelecer-se. Quando melhorou foi para o Porto onde se estreiou com muito successo no theatro de S. João na noite de 27 d'outubro d'esse anno no drama *A Justiça de Deus*, mas pouco tempo esteve no theatro porque tornou a adoecer gravemente.

No anno seguinte voltou ao Porto n'uma companhia dirigida por Emilia das Neves, fazendo os principaes papeis do reportorio.

Em 1860 finalmente de volta a Lisboa Pinto de Campos fez a sua estreia no theatro de D. Maria, em 29 d'outubro, no drama *Culpa e castigo* em que reapparecia a famosa actriz Soller.

Pinto de Campos agradou muito e tanto que o commissario do governo que n'esse tempo era o sr. D. Antonio da Costa, logo no fim do 1.º mez elevou-lhe a 24$000 réis a escriptura que era de vinte.

Dois annos esteve representando papeis pequenos, mas em 1862 poz-se em evidencia nos *Homens do mar*, e na *Cora*.

D'ahi por deante o seu caminhar foi rapido, e em novembro de 1867 o conselho dramatico classificava-o de actor de 1.ª classe.

* * *

Pinto de Campos conservou-se no theatro de D. Maria até 1872 ganhando sempre terreno e conquistando um logar distinctissimo no theatro portuguez, sobre tudo como centro dramatico.

N'esse anno, Pinto de Campos sahiu do theatro de D. Maria juntamente com Emilia das Neves, João Rosa, Jesuina e Polla e foi com estes dois ultimos para o theatro do Gymnasio, para a nova empreza fundada por Xavier d'Almeida.

No Gymnasio Pinto de Campos conquistou grandes triumphos, a começar pela peça da estreia a *Filha unica* em que teve grande successo n'um centro comico.

No Gymnasio Pinto de Campos trabalhou muito e bem e entre as suas boas creações avultaram as dos *Campinos*, *Afilhado de Pompignac*, *Opinião Publica*, *Calumnia*, *Como se enganam mulheres*, etc.

Quando Ernesto Biester tomou a empreza do theatro de D. Maria, Pinto de Campos voltou para lá e fez um dos seus mais notaveis papeis — o de Poirier na famosa peça de Emilio Augier.

Ha annos Pinto de Campos foi reformado com o ordenado mensal de 72$000 réis, correspondente á sua cathegoria, e depois de ter a reforma nunca mais quiz escriptura em theatro algum. Trabalhava aqui e ali, fez umas peças no theatro do Principe Real, prestou-se a tomar parte no espectaculo d'inauguração do theatro d'Avenida, mas nunca mais esteve na brecha, trabalhando permanentemente.

* * *

Pinto de Campos era um excellente homem, um caracter de rija tempera, d'uma grande direitura e hombridade.

Era muito illustrado, e d'uma modestia pouco vulgar em theatro.

Tinha um amor entranhado á sua arte, que cultivou sempre com grande consciencia e seriedade. Era um homem serio e um serio artista.

Nunca foi actor de paixão, nem para grandes lances dramaticos: era d'uma grande correcção artistica, d'uma profunda naturalidade, d'um acabamento perfeitissimo em todos os seus trabalhos.

Apesar de já não ser novo Pinto de Campos era positivamente um moderno; e quem quizesse ser natural, realista, humano em scena, tinha que aprender com elle.

Pelo genero especial do seu talento e do seu *emprego* em theatro nunca despertou ruidosos enthusiasmos, mas era deveras um mestre.

E' esse mestre que a arte hoje chora, e nós lamentando seriamente a sua morte lamentamos a perda d'um bom actor e ao mesmo tempo a d'um bom amigo.

Gervasio Lobato.

PAULO MIDOSI

(Concluido do n.º 364)

Paulo Midosi escreveu tambem para Emilia das Neves a *Arte e o Coração*, que ella levou em beneficio que fez em 1857 no Theatro da Rua dos Condes, e ainda um entreacto *A Grande Duqueza de Gerolstein no penultimo andar*.

Para o Gymnasio imitou as seguintes comedias: *Misantropo*, *O feitiço contra o feiticeiro*, *Os advogados*, *Os dois papalvos*, *Os dois annuncios*, *A certidão do baptismo*, *O marido de duas mulheres*, *A tia Maria*, *A' espera do omnibus*, *Os dois cegos*, *A questão do Oriente*, *Um banho na barca*. E os dramas: *Dois validos*, do hespanhol, e *Julio ou Julia?* do inglez.

Para o theatro de D. Maria escreveu: *Um dia de independencia*, e *Entre a bigorna e o martello*.

Já tendes ouvido Paulo Midosi preludiar a velhice nos seus relatorios annuaes, queixando-se de gasto e alquebrado e fallando em cabêllos brancos. Pois, ficae sabendo que me parece isto ainda vicio do theatro, e que elle julga escrever para alguma scena, o que escreveu para Taborda no — Amôr pelos cabellos:

Alvas cãs, formosa c'rôa
Que Deus poz na fronte ao velho;
Sois um astro que não brilha,
Mas da vida mago espelho.

Alvas cãs, sois o meu pae...
Succumbindo a combater...
Sois a minha pobre mãe...
Que tão moço vi morrer...

Ai! saudade que me punges,
Thesouro da meninice!
Os cabêllos dos rapazes
Não valem os da velhice!

Direi tambem:

Assim cantava elle

Urgia que Paulo Midosi fechasse as portas ao theatro, como as tinha cerrado á politica. A vida tornava-se-lhe cada vez mais seria; não tinha talher á meza do orçamento; o pae estava inteiramente arruinado e invalido, e a herança que elle aguardava era uma numerosa familia que devia sustentar sem saber d'onde lhe haviam de vir os recursos!

Era necessario fazer-se advogado, e eil-o aqui o temos no fôro e na associação.

Dependia de estreia, de clientella e de pratica, e todos estes factores lhe escasseavam; mas apertava-o a estreiteza da necessidade em uma situação demasiado precaria que lhe não consentia adiamentos, nem lhe dava tempo de aguardar occasião auspiciosa e de escolher a demanda.

Luctava, decerto, com os maiores perigos, porque nunca a vida lhe apparecera tão escabrosa, nem d'elle exigira maior coragem e sacrificios. Luctou, mas venceu, e pôde agora melhor dizel-o do que outr'ora, porque pelo seu trabalho, sempre intelligente e honestissimo, adquiria a sympathia e amisade dos clientes, a quem mais sabia impôr do que inspirar confiança, e alcançou os meios com que valeu a toda a familia emquanto viva, e com que ainda hoje protege desherdados sobrinhos.

Esta nova cruzada era determinada pela necessidade e interesse; mas era egualmente nobre, porque a remuneração do operario não desvirtua a missão do sacerdote.

Iniciou, pois, a carreira de advogado, praticando durante tres annos com Ignacio Quintella Emauz, e foi nomeado advogado do consulado da França com a retribuição de 50 francos por mez, que, apesar de parca, ainda assim pouco tempo lhe durou, porque o ministerio Fould supprimiu o logar.

Dentro em pouco teve necessidade de se lançar

no pélago das causas crimes, frequentando os tribunaes correccionaes, como em geral fazem os principiantes avidos de nome e de proveito. Tomou assim as defezas politicas do *Supplemento burlesco*, do *Rabecão* e a do Padre João Candido de Carvalho, que lhe deram distincção merecida entre os seus collegas do fôro. O processo da *Assuada* ou da *Bernarda*, como então se chamava, conhecido pela revolta do *Pão Barato*, accentuou melhor as suas aptidões forenses, e a sua defeza foi apreciada como um verdadeiro triumpho no *Jornal do Commercio* de 7 de julho de 1862.

Já não faltava tudo. Não eram as causas correccionaes que mais deviam prender as aspirações do seu espirito, de ha muito preoccupado com celebridades; mas abriam-lhe caminho cada vez mais largo e plano, e animavam-n'o a proseguir, porque o resto devia o futuro fazel-o.

E' assim que foram d'elle receber o patrocinio os implicados em uma celebre causa da moeda falsa, cuja discussão no 2.º districto criminal, cortada de incidentes notaveis e de peripecias curiosas, lhe levou 8 dias de trabalho consecutivo, deixando-o quasi extenuado no ultimo em que teve de deitar-se já sobre a manhã. D'este processo deram conta circumstanciada o *Jornal do Commercio* em 1860, e o *Boletim judicial* em 1876. A leitura da defeza revela a grande importancia da questão e o subido valor do patrono.

Este facto é por justos titulos memoravel para Paulo Midosi, e elle não sabe occultal-o; porque, alem da satisfação natural, que o resultado do pleito lhe trouxe, deu-lhe tambem logar a ver bem remunerados os seus esforços, de tal fórma que, segundo elle mesmo conta, nunca mais viu em sua já longa carreira de advogado retribuição que podesse equiparar-se. Desaffogou-o de pequenas oppressões, que não cessam quando não abundam os meios, habilitando-o a refazer as impressões saudosas dos seus cinco annos em Londres e a visitar por duas vezes o coração do mundo, Paris.

E é por occasião do regresso da sua segunda visita a Paris, que vem encontrar em sua casa Eduardo Coelho para o abraçar e participar-lhe ao mesmo tempo o projecto que tinha da creação do *Diario de Noticias*, hoje, sem duvida, o jornal de maior vulgarisação em Portugal. Paulo Midosi applaudiu-o e animou-o contra os receios de uma desfavoravel opinião publica, promettendo-lhe até a sua collaboração sempre que podesse, o que tem cumprido sem a menor idéa de retribuição. Fez mais ainda: Paulo Midosi foi quem lhe lembrou a venda avulsa, feita por essas crianças que ahi vemos portadores de noticias, cruzando-se com os leitores de dia e de noite em todos os angulos da cidade. E' a elle que se deve esta nova industria, que tanto tem contribuido para a propagação do jornalismo e para a sustentação honesta de individuos que, talvez sem ella, enxameassem as prisões.

E' tambem por este tempo, em 1864, que Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos chamou Paulo Midosi para a redacção da *Gazeta de Portugal*, em que se estreiou o actual ministro da Fazenda, Marianno de Carvalho, e obteve o seu maior credito como escriptor Pinheiro Chagas. Paulo Midosi acceitou a parte juridica e encarregou-se da secção dos tribunaes.

Por morte do illustre advogado e socio d'esta associação, Antonio Joaquim da Silva Abranches, foi Paulo Midosi eleito secretario perpetuo. Ninguem melhor podia succeder-lhe, porque entre um e outro eram em grande numero os pontos de contacto no modo de sentir e obrar.

Desde então tem elle feito os relatorios annuaes tanto do movimento juridico da associação como do desinvolvimento da sciencia do Direito e da Legislação em Portugal e no estrangeiro. Todos vós o tendes ouvido por mais de uma vez com aquelle prazer litterario que só elle sabe produzir, e com aquelle interesse, que só elle póde manter, dando conta dos trabalhos da associação nas differentes questões, que aqui tem vindo procurar solução; todos vós sabeis como elle aprecia a critica, as leis e as obras dos jurisconsultos e escriptores, que em cada anno constituem novidade juridica; sabeis bem como elle observa e analysa as nossas instituições, e como vae ao estrangeiro respigar o que por lá ha de mais notavel sobre costumes, legislação e sciencia, para do seu confronto deduzir com precisão o verdadeiro estado em que nos achamos, e apontar-nos o oriente a que devemos subordinar-nos n'este grande concerto da humanidade.

Em todos esses trabalhos o tendes visto como litteratto e homem de sciencia, como artista e jurisconsulto; mas em todos elles podereis renovar a lição, manuseando o *Jornal do Commercio* e o *Commercio de Portugal*, em que teem sido publicados de 1870 em diante.

A par d'estes relatorios encontrareis tambem a biographia de Ignacio Quintella Emauz, impressa nos annaes de 1861; a de Antonio Joaquim da Silva Abranches e os apontamentos biographicos de Ricardo Teixeira Duarte, publicados em 1869 no *Jornal do Commercio*; a de Sebastião de Almeida e Brito, impressa no mesmo anno na imprensa da Universidade; a de Bruschy publicada em 1873 no *Diario Illustrado*; e a de Luiz Guedes Coutinho publicada em 1882 no *Commercio de Portugal*. Alem d'estas, ouvisteis a biographia do nosso vice-presidente, sr. Dr. Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman, ainda inedita, e lida por motivos similhantes aos de hoje, e a memoria lida na conferencia de 7 de Janeiro de 1875.

Em 1867 publicou Paulo Midosi a *Guia do jurado*, editada na Imprensa de Thomaz Quintino Antunes; e em 16 d'Abril de 1880 apresentou elle á associação um projecto de lei para a creação da ordem dos advogados, em que collaboraram os srs. Drs. Carlos Zeferino Pinto Coelho e Alberto Antonio de Moraes Carvalho; projecto este que, como sabeis, teve no parlamento parecer favoravel do nosso consocio Dr. Antonio Alves Pereira da Fonseca, mas que ainda até ao presente não foi convertido em lei, não obstante a renovação da iniciativa.

Desde 1873 até 1876 foi Paulo Midosi redactor da *Gazeta da Associação dos Advogados*, e não continuou, porque, como sabeis muito bem, não tem sido facil resuscitar este importante orgão da nossa associação.

Paulo Midosi é de ha muito tempo o advogado da Camara Municipal de Lisboa, e adjunto do provedor da Santa Casa da Misericordia, logares estes, que deve ao seu fallecido amigo Antonio Gregorio da Rosa Araujo, a cuja memoria respeitavel tributa inequivoca e sincera gratidão.

E' socio da Academia Matritense de Hespanha e em Lisboa é socio honorario da Sociedade de sciencias medicas, por ter feito a defeza d'um facultativo injustamente accusado nos tribunaes criminaes.

Disse-vos ha pouco que se não tractava da influencia de um commendador; e todavia é certo que á amisade do nosso illustrado socio, recentemente fallecido, D. Benigno Joaquim Martinez, deveu elle o ser agraciado pelo governo de Hespanha com o habito, e depois com a commenda de Isabel a Catholica. Ainda assim não vos enganei; porque, se um bem intendido melindre obstou á recusa da mercê, não o levou comtudo a solicitar licença para a usar em Portugal, e, por isso não é commendador.

Paulo Midosi é hoje simplesmente advogado e lustre do fôro portuguez na genuina e rigorosa accepção da palavra. Pouco ou nada posso dizer-vos, que vos offereça novidade, e que não devais saber e sentir por egual. Tendel-o visto e ouvido nos tribunaes e aqui. Se o ouvis apenas, facilmente vos prende a sua linguagem clara e sonora, sempre agradavel e bella, a sua argumentação fina e delicada, e a sua presença bem composta e insinuante; se discutis com elle encontraes um adversario tão habil como leal, um collega sempre amigo e um patrono sempre dedicado. A' eloquencia da sua palavra, á expressão physionomica do seu gesto não correspondem mesquinhos antagonismos de classe nem sentimentos vis de inferioridades. O seu coração é bom e generoso.

Mas não é só isto.

Elle tem comprehendido bem que a profissão do advogado se póde elevar até á missão do sacerdote; que, assentando na probidade não vulgar, se desinvolve pelo trabalho assiduo e infatigavel, e se nobilita pelo desinteresse e pelo amôr da justiça; e esta elevada comprehensão torna-o digno e venerado.

Não sei se elle é Demosthenes ou Cicero, se Mirabeau ou José Estevam; porém o que posso affirmar-vos e que vós não desmentis é que

transit benefaciendo

Deixae que lá fóra, os que nos não conhecem, só apreciem a independencia e superioridade de caracter á sombra de ricas heranças, malsinando a nossa profissão, porque esses não comprehendem nem avaliam a advocacia, como ella é e deve ser.

Em parallelo ao advogado só vejo o medico e o padre, quando se inspiram no mesmo ideal; porque, sem a fascinação do poder, sem a auctoridade que decide, sem a riqueza que domina, immudece com o seu conselho o nobre e o plebeu, o argentario e o pobre, e a todos seduz e captiva pelo respeito da sua opinião, e pelo amôr da justiça.»

João Jacintho Tavares de Medeiros.

Termina aqui a biographia escripta pelo sr. dr. Tavares de Medeiros, e que acompanha a vida de Paulo Midosi até fins do anno de 1887.

Depois d'esta data, o facto que mais se distingue na sua vida foi a sua nomeação para provedor da Misericordia de Lisboa, na vaga deixada pela sahida, a seu pedido, do sr. Conde de Rio Maior.

Paulo Midosi, porém, mal tomou posse d'este logar, porque a doença que já o minava, não o deixou entrar na funcção regular do novo cargo.

R.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XI

E muito pallida, quasi tão branca como a coifa que tinha enfiada na cabeça, o que no fim de tudo não quer dizer que estivesse d'uma brancura por ahi além, a sr.ª Leitão poz-se d'ouvido á escuta.

Escutou um bom bocado, com os olhos esgaseados, mas nada ouviu. E então tornou a dizer á Anna.

— Você está doida! Não oiço nada! Isso foi sonho. Deitou-se tarde e como não está habituada a noitadas...

— Não foi sonho, minha senhora, affirmou de novo a Anna muito convicta. Ouvi perfeitamente estarem a arranhar na porta.

— Arranhar! Talvez seja algum gato.

— Gato! Isso sim! Pela bulha que faz é gato, mas é gato de dois pés.

E fez-se outro silencio durante o qual as duas escutaram attentamente.

Mas o que se ouvia apenas era o resonar cadenciado do sr. Leitão e nada mais.

— Ora adeus! concluiu por fim mais serenada a sr.ª Leitão. Vá-se deitar que tudo isso é somno, e deixe-me dormir que eu bem preciso, que já são horas.

A Anna muito desapontada por deixar de se ouvir a bulha que a accordára e que a levára a accordar tambem a sua patrôa, retirou-se de má vontade, resmungando «que fizesse o que quizesse, mas que estava gente na escada que ella bem tinha ouvido, que era por essas e por outras que aconteciam as desgraças».

A sr.ª Leitão não fez caso, deitou-se para baixo e voltando-se para o outro lado preparava-se a continuar o seu somno em quanto a Anna ia chinelando e resmungando pelo corredor fóra.

E tinha fechado já os olhos quando a voz da Anna a chamou outra vez.

A cosinheira ao chegar ao fim do corredor ouvira novamente e distinctamente mecher na porta, e correra atraz para mostrar á senhora que se não enganava, que estavam ladrões na escada.

— O que é? perguntou a sr.ª Leitão de muito mau humor já, então jurou aos seus deuses não me deixar dormir hoje.

— Venha cá, lá estão elles ainda! disse a Anna em voz baixa puchando pelo braço da sua ama, para a fazer levantar mais depréssa.

— Você está maluca! redarguiu a sr.ª Leitão com muito pouca vontade de se levantar.

— Aqui não se ouve, porque é muito longe, mas no fundo do corredor ouve-se perfeitamente, venha cá.

Na voz da cosinheira havia tanta convicção e ao mesmo tempo tanto terror que a sr.ª Leitão comprehendeu que era verdade, que a coisa era séria e recomeçando a ter muito medo sentou-se outra vez na cama.

— Você ouviu outra vez?

— Ouvi sim senhora. Ande cá ao corredor.

— Dê-me d'ahi a minha saia, pediu a sr.ª Leitão, deitando para fóra da cama as suas esguias pernas ossudas.

E a tremer, um bocadinho de frio e um bocadão de medo, enfiou as saias, metteu os pés nas chinellas e seguiu pelo corredor fóra a Anna, pé ante pé, com a respiração reprimida para não serem presentidas pelos ladrões, que estavam na escada.

Quando chegou quasi ao fim do corredor a Anna parou e voltando-se para a sua patroa disse-lhe com um tom triumphante:

— Oiça!

A sr.ª Leitão encostou-se á parede, para não cahir, mais pallida que uma defuncta.

O que a cosinheira dissera era a verdade, acabava n'esse momento de o ouvir.

Estava gente na escada, e gente que parecia querer arrombar a porta.

— Então era sonho meu? perguntou victoriosa a cosinheira.

A sr.ª Leitão não lhe deu resposta, e com as pernas a tremerem como varas verdes, o suor a escorrer-lhe pela testa, como se estivesse n'um banho de vapor, amparando-se ás paredes para não cahir, foi até ao quarto.

— Então! Então! murmurou ella afflicta, com a voz suffocada como se sentisse já uma quadrilha de salteadores a estrangulal-a.

Qual Leitão nem meio Leitão? A unica resposta que teve foi um ronco muito assobiado.

— Leitão! Leitão! repetiu ella sem desistir da gigantesca empreza de o accordar.

E como visse que só com palavras não conseguia coisa alguma, passou da palavra á acção, abanando-o desesperadamente, como se abana uma amoreira para cahirem amoras.

— O que é? O que é lá isso? perguntou com voz rouca o Leitão ainda meio a dormir.

— Accorda depréssa! está gente na escada! murmurou-lhe angustiosa a sua esposa.

— Deixem-me dormir! tornou elle fugindo com o corpo e mettendo a cabeça debaixo da roupa, como as creanças recalcitrantes quando se accordam para lhes dar remedios.

— São ladrões, homem, são ladrões!

— Ladrões! berrou elle aterrado saltando da cama com uma ligeireza d'acrobata.

E repetiu espavorido:

— Ladrões!

— Ladrões sim! anda cá depréssa.

— Estás bem certa d'isso?

— Infelizmente estou! Ouviu-os agora mesmo.

— Ouviste-os?

— Ouvi: estão a querer arrombar a porta da escada.

Em presença d'esta certeza tão positiva o sr. Leitão diminuiu sensivelmente a pressa com que estava vestindo as ceroulas para ir á procura do inimigo.

E depois d'um momento de hesitação perguntou com a voz ligeiramente tremula.

— Mas então o que hade a gente fazer agora?

— O que se hade fazer? Essa é boa! replicou a sr.ª Leitão indignada. Pois tu, um homem, o chefe da familia, o commandante da força, ainda perguntas o que has de fazer aos ladrões que te querem entrar em casa?

— Já se vê que pergunto. Não estou habituado a lidar com ladrões!

— Que homem! E foi a este Maricas que eu entreguei a guarda da viuva d'um bravo do Mindello! declamou a esposa n'um bello rasgo d'indignação.

— O' minha senhora! não falle tão de rijo que elles pódem ouvir! ponderou a Anna olhando receiosa para o corredor.

— Querem vêr que tu tens medo de ladrões! insinuou despresadora, a sr.ª Leitão.

O Leitão a estas palavras ergueu-se resoluto:

— Medo! Eu! Não me conheces! E com um gesto heroico, abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e tirando de lá um apito disse para as duas mulheres.

— Vamos!

E delicadamente, cavalheirosamente afastou-se para lhes dar o passo, para que ellas senhoras, passassem a diante.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

REVISTA POLITICA

Estava escripto que se havia de fechar alguma coisa, e já que os logistas do Porto resolveram abrir as portas dos seus estabelecimentos e as torneiras dos seus tuneis, fecharam-se então as portas do parlamento, que de resto cheirava mal como o affirma o sr. Joaquim Martins de Carvalho, cujo fino olphato lhe permittiu dar pelo tal cheiro em Coimbra, a 203 kilometros de distancia do palacio de S. Bento.

D'isto deve-se concluir que o olphato do velho liberal é muito superior ao do nariz do sr. Beirão, que apezar de se achar no seio da representação nacional, não tinha dado pelo odor do tal seio.

O ACTOR PEDRO PINTO DE CAMPOS

FALLECIDO EM 18 DE JANEIRO DE 1889

(Segundo uma photographia)

Não se sabe ao certo se foram, effectivamente, as exalações desagradaveis a que se refere o sr. Martins de Carvalho, que obrigaram o governo a fechar o parlamento por uns 60 dias para o beneficiar hygienicamente, mas se assim é não lhe invejemos o pesado encargo que tomou sobre os seus hombros, porque não lhe falta que fazer.

A corrupção é enorme, alastra por toda a parte, invade tudo e porisso não é facil encontrar quem tenha sufficientes desinfectantes e força para os applicar, principiando por si proprio.

Todos reconhecem esta verdade, mas ninguem tem a coragem de se sacrificar por ella, dando exemplos de insenção e abnegação que abrissem um novo futuro á politica portugueza e a arrancassem do lameiro em que se debate, entre as mais egoistas ambições pessoaes.

Parece-nos que esses espartanos que devem salvar a patria, ainda não viram a luz d'este sol explenderoso que a alumia, e portanto não haverá outro remedio que apertarmos as mucosas, logo que o parlamento abrir de novo as suas portas.

D'aqui até lá aspiremos regaladamente a flôr de larangeira que embalsama os nossos pomares, o que sempre é mais poetico e agradavel que a triste realidade da nossa situação politica, entalada entre as portas que se abrem e as que se fecham.

Esta situação é uma nova phase que se apresenta, para modificar a qual é preciso cortar os cordeis que prendem as portas dos estabelecimentos do Porto ás da casa do parlamento de Lisboa, cordeis tão esticados que apenas permittem que umas portas se abram emquanto as outras se fecham.

Esses cordeis são a lei da sellagem das fazendas e a companhia vinicola do norte, muito mais resistentes que as grossas espias da nau do Estado, e que envolvendo o governo em uma apertada rede não lhe deixam malha por onde fugir.

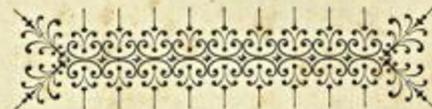
Parece positiva e terminante a resolução que os negociantes de vinho tomaram com relação á nova companhia vinicula do norte, creada pelo contrato de 5 de dezembro. Elles acham que essa companhia é attentatoria da liberdade do seu commercio, e o mesmo acham os commerciantes de fazendas com respeito á lei da sellagem. Nós dizemos parece, porque não é facil avaliar até que ponto o facciosismo politico influirá n'estas questões, e se amanhã um accordo qualquer quebrará os cordeis como se elles foram uma linha de cambraia.

Aguardamos os factos e entretanto gosemos as treguas que a politica atravessa n'este momento, debicando apenas n'uns miseraveis quinhentos e sessenta contos de divida mansa, que apesar da sua mansidão, o governo foi pagando aos liquidatarios do antigo Contrato do Tabaco, com grande espanto da imprensa da opposição, que tem despendido os seus melhores adjectivos, taxando de gatunice e ladroeira o pagamento d'esta divida mansa.

Ainda se ella fosse brava, como algumas que para ahi perseguem a pobre humanidade, vá que se pagasse, mas mansa é inaudito!

O governo, porem, defende-se dizendo que a opposição mente. Não foram quinhentos e sessenta contos que pagou, mas simplesmente quatrocentos e quarenta e nove.

Sempre é bom dizer a verdade!

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Fallecimento do rei d'Annam. O telegrapho transmittiu a noticia da morte de Dông-Khânh rei d'Annam, a qual teve logar em 27 de janeiro ultimo.

O rei Dông-Khânh tinha 25 annos de edade. Suppõe-se que foi envenenado, como o seu antecessor Hiep-Hoa que succedeu a Tu-Duc, morto na conquista de Toukin.

O ultimo marechal de campo. Falleceu no dia 8 do corrente o marechal de campo sr. conselheiro José de Freitas Teixeira Spinola Castel Branco, que se achava reformado desde 1862. O illustre militar nascera em Valozim, districto da Guarda, em 1801.

Era bacharel em mathematica e foi lente da escola polytechnica, onde tambem desempenhou as funcções de director Socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Pertencia á arma de engenheria, e tanto como militar como professor, prestou grandes serviços. Escreveu dois compendios de mathematica que lhe deram entrada na Academia. Era condecorado com o habito de Aviz e tinha as medalhas das campanhas da liberdade, algarismo n.º 2, e a medalha d'ouro de comportamento exemplar.

A' sua illustre familia enviamos a expressão do nosso pezar por tão sensivel perda.

Ensino de cegos. O sr. Branco Rodrigues propõe-se a ensinar gratuitamente as pessoas cegas que queiram aprender a lêr e a escrever por um methodo novo.

As pessoas cegas que queiram aproveitar esta valiosa offerta, podem dirigir-se ao consultorio do medico occulista sr. Mascaró, na rua do Alecrim 20, para se matricularem.

O sr. Branco Rodrigues conta depois de ter habilitado alguns cegos a lerem e a escreverem, apresentar o resultado d'este ensino, em uma sessão publica.

Real Gymnasio Club Portuguez. Esta sympathica associação realisou no dia 1 do corrente uma brilhante festa nas salas do seu Gymnasio na rua Serpa Pinto.

Houveram exercicios de gymnastica e esgrima, perfeitamente desempenhados.

A concorrencia de convidados era grande e passaram-se algumas horas agradaveis.

Agradecemos a amabilidade do convite

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista Archeologica, *estudos e notas publicados sob a direcção de A. C. Borges de Figueiredo, bibliothecario da Sociedade de Geographia de Lisboa.* N.ºs 1 e 2 do III vol. com os seguintes artigos: Antigos nomes hispanicos, por F. Adolpho Coelho; O tumulo de D. Maria Affonso, filha de el-rei D. Diniz; Antiguidades de Pataias e As thermas romanas da rua Bella da Rainha, em Lisboa, por Borges de Figueiredo.

A Chronica, *revista mensal, litteraria e bibliographica*, director Luiz Trigueiros, Santarem. N.º 8 do 1.º anno. Muito bem redegida e com collaboração variada.

Kalendario Agenda, *para o semestre de 1889 offerecido á respeitavel classe medica* pela empreza Estacio & C.ª, Lisboa.

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES
25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43